

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

MARIA DAS GRAÇAS
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - História e memória das comunidades de Manguinhos

Entrevistada – Maria das Graças (MG)

Entrevistadores – Fábio de Souza (FS) e Michele Soares (MS)

Data – 12/05/2005

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração –30min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

GRAÇAS, Maria das. *Maria das Graças. Entrevista de história oral concedida ao projeto História e memória das comunidades de Manguinhos*, 2005. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 10p.

Data: 12/05/2005

Fita 1 – Lado A

FS - Continuação da entrevista com dona Maria das Graças, na rua...

MG – Rosa da Fonseca.

MS – Rosa da Fonseca.

FS - ... Rosa da Fonseca, número 26, casa 1. Fala um pouquinho de quando a senhora era criança, aqui, quando chegou, como era o trabalho do seu pai quando ele veio para cá.

MG – Meu pai era português. Aí, veio morar aqui, nesse terreno aqui, né, que é da União, e como ele... Aí, foi trabalhar na Fundação Oswaldo Cruz, né, aqui na... que era Instituto Oswaldo Cruz na época. Ele, como guarda, né, ficou... adquiriu aqui, né, ficou aqui, morando aqui nessa parte, e isso daí ainda não tinha muro, não era... não tinha muro, esse muro foi feito há pouco tempo. E a minha infância eu passei assim, andando aí. O passeio da gente dia de domingo, não só meu como da maioria das crianças aqui, era dentro da Fundação, né, que na época era Instituto Oswaldo Cruz. Então, a gente... Hoje mesmo eu estava lembrando isso, que eu faço caminhada aí dentro, então, para mim, isso daí não é nem assim, desconhecido, porque a gente vivia aí. Hoje eu lembrei que a gente pegava jamelão... Na época, a gente... a família assim, carente, né, assim, a gente não tinha acesso a muita coisa... Naquela época o pessoal não ganhava tão bem assim, né, e quase... o pessoal trabalhava, mas ninguém tinha essa vontade de trabalhar na Fiocruz, que era Instituto Oswaldo Cruz, não ganhava tanto. A gente passeava dia de domingo, comia goiaba, jamelão, (*rindo*) essas ‘coisa’ ‘toda’. E tinha a cavalaria, né? Eu lembro, tinha até um guarda juvenil, que a gente... na época, a gente vindo com as ‘goiaba’, quando a gente passou em frente à cavalaria, que hoje é museu, ali, do lado do... atrás do Castelão, aí, ele correu, né, com o cavalo, atrás do... (*rindo*) A gente... Tinha uma subidinha, as ‘goiaba’ rolaram ‘tudo’ pelo chão. Então, eu acho que...

FS – Não tinha muro, né?

MG – Não, não tinha muro. Esse daqui eu não me lembro, que eu era criança, não... Foi quando minha mãe ‘tava’ grávida de mim que ela ia lá dentro pegar água, que a gente tinha aquela dificuldade de água aqui, né?

FS – Isso por volta de quanto?

MG – Isso era em 50, no ano 50, né? E...

FS – Ah, então, seu pai é um morador daqui há muito mais tempo!

MG – Ih, meu pai era. Meu pai foi o primeiro morador aqui dentro deste quintal aqui!

FS – Ah, então, foi ele que construiu essa casa no número 26 todo?

MG – Não, a nossa casa que a gente (?), mas ele foi deixando as pessoas, né, um gesto de bondade, que não era... era uma coisa que não era dele, foi deixando as pessoas ‘fazer’ ‘casa’, entendeu, aqui dentro do 26, né, então...

FS – Do 26.

MG – Não tinha, só era ele e o português. Aí, depois, ele casou com a minha mãe e ficou aqui, né? E ele foi deixando um fazer casa, outro fazer casa, aquela coisa toda, ficou esse monte de casa aqui. E ele... depois ele se aposentou, né, isso aí. Mas a gente tem esse... a Fiocruz, assim, como... Hoje mesmo eu estava me lembrando que a gente... Eu conheci a avó do Robson Caetano, e ele também até já deu uma entrevista, também, que ele... toda criança gostava de brincar de bola e tudo, e a vida dele era correr dentro da Fundação. Por isso que ele se tornou, né, famoso assim, porque ele corria. Então, não só ele como (?), que ele vinha pra casa da avó e corria, porque era tudo aberto, não tinha esse... Esse muro que vai até lá embaixo não existia, né? Tinha o pessoal dos Venâncio, né, que ainda tem morador, tem parentes dele, né, que hoje em dia tem aquela escola Joaquim Venâncio, né, eu conheci algumas pessoas, e conheço ‘parente’ deles, ali, que moram aqui. Mas, é isso.

FS – Você lembra de, mais ou menos, quando seu pai construiu essa casa de vocês?

MG – Eu nasci em 51. Eu nunca mudei daqui, né? Então, era uma casinha mais humilde, né? Era aquela casinha de telha, era 3 cômodos aquilo. A gente não tinha... não tinha... um banheiro decente, né, era tudo assim, feito de... de... Ah, (*falam ao mesmo tempo*)...

FS – Madeira?

MG – Não, era... como é o nome... aquele negócio de barro, como é o nome? É... era... Ai, Jesus! Como é que se fala aquilo? Que não era de tijolo...

FS – Sim, eu sei, mas...

MG - ... sabe como é que é? Eu esqueci o nome.

FS – Eu esqueci também.

MG - Então, era uma casinha assim, humilde. Eu que fiquei, né, porque eu, filha única, né? Depois minha mãe morreu, em 68 minha mãe faleceu, e eu fui ficando aqui, né? Até que casei, tive... (*rindo*) já descasei, tive dois ‘filho’, um tem 20, outro tem 17 anos, né, e continuei aqui. Eu sei que a gente melhorou um pouquinho a casa, né, fez de tijolo (*aquilo tudo?*), depois lá em cima, e tudo, mas continuei ficando no mesmo espaço que ele deixou, né? Então...

FS – Qual era o nome dele?

MG – O nome do meu pai era Manuel Francisco.

FS – Manuel Francisco?

MG – Mas ele tinha o apelido de Manuel das ‘cabra’ porque ele tomava conta de cabra aí na Fundação.

FS – É?

MG – Além de ele ser guarda noturno ele também tomava conta. Então, ele era muito conhecido por nome de Manuel das ‘cabra’.

FS – E aí ele deixou as outras pessoas virem morar aqui?

MG – É, ‘construir’, né, essas ‘casa’ aqui dentro, foi ele que deixou.

FS – Foi ele?

MG – Aqui nessa... no 26, é.

FS – É, porque tem muitas histórias de gente que pega o terreno e constrói outras casas, e aí aluga.

MG – É, não, ele não chegou a fazer isso, ele doava, doou, tanto que eu não recebo de ninguém, nada, aqui, e até parei de pagar, assim, a União porque era eu sozinha que tinha que pagar, entendeu, porque depois todo mundo, né, se prevalece, e depois as pessoas, antes de ganhar é uma coisa, depois que... né, é diferente. Mas ainda tem um espaço ali que todo mundo fica assim, de olho. Eu ‘mesmo’... eu que capinava ali, né, que eu sempre gostei, que eu tenho amor, sabe, assim, às ‘coisa’ sabe? Então, agora eu não posso, os ‘menino’, nenhum, me puxaram nesse ponto, então, eu pago pra limpar, entendeu?

FS – Manuel Francisco, né?

MG – É, o apelido era Manuel das ‘cabra’.

FS – *(falam ao mesmo tempo)*...

MG – Hã?

FS – Não, é porque ele já tá na lista da Fiocruz como morador muito antigo, seu pai.

MG – É, meu pai, é, mas ele faleceu (?). Quando ele faleceu ele já era aposentado. Eu era criança. Eu tinha o quê? Oito anos. Mas lembro da marmitinha que ele trazia daí da Fiocruz, entendeu, que era...

FS – Ele era...

MG - ... não era Fiocruz, era Instituto Oswaldo Cruz.

FS – Era Instituto ainda, né?

MG – Era.

FS – E como é que era a relação dele com a União, porque era um terreno da União, mas a União deu a ele, ou ele pagava aluguel?

MG – Ele pagava aquele... não é bem imposto que se fala, como eu também paguei até bastante tempo. Depois que ele morreu a gente continuou pagando, né? Minha mãe pagava, depois eu continuei pagando, mas parei de pagar há um tempo. Acho que deve ter uns 10 anos, mais ou menos, que eu não pago, mas eu tinha e tenho ainda, acho, os papéis que ele pagava, sabe? Não é bem imposto que se diz, não, é uma taxa, tem um nome. A gente pagava no Ministério da Fazenda.

FS – Aí funcionava como um aluguel?

MG – É, tipo, assim, um aluguel, né, mas só que não era tanto, era uma mixaria. No início as pessoas ajudavam a pagar, depois as pessoas começaram a achar que devia dar recibo... Mesmo a gente mostrando esse recibo as pessoas não... se desinteressaram, não quiseram mais pagar, entendeu? Ele tinha esse direito de morar aqui por ele trabalhar na Fundação, no Instituto Oswaldo Cruz. Você ‘vê’ como é que cresceu aqui, no 26 eram dois portugueses, agora você vê quantas ‘casa’ tem aqui, tem uma aqui, tem outra... E depois um fez pra o filho, em cima, outro fez, entendeu? Teve um espaço aqui, que ele deu pra um... Que ele tinha dois ‘cômodo’ aqui, onde eu estou, aqui e aqui, era uma sala e uma cozinha. E essa pessoa também trabalhava na Fiocruz, que também já faleceu, era Pedro, o eletricista, que tinha um nome... Esse faleceu em 68. Até hoje nós ‘falamos’... engraçado, como é que... é coincidência, hoje nós ‘falamos’ sobre isso. E meu pai deu pra ele fazer casa aqui... Você vê, no lugar de uma casa ele fez pra ele, ele não, porque ele morreu, não deu tempo, a esposa fez pra ele, pra filha, depois deixou uma sobrinha, depois a filha fez em cima, entendeu? Então, são... Eu vou tirar foto assim? Nossa, eu estou muito feia, ainda com a propaganda do Gaspar. (*risos*) Aí, meu Deus do céu! Jesus, misericórdia!

FS – Mas então...

MG – (*falam ao mesmo tempo*) muito feia!

FS – Não, que é isso!

MG – (*rindo*) Ai, Jesus! Então, foi... então, no lugar de um, uma casa, são quatro casas que construíram, entendeu? No espaço que ele cedeu pra um, esse funcionário da Fiocruz, foram quatro casas, entendeu?

FS – Quatro casas...

MG – Esse eu não sei se realmente...

FS - ... mais a da senhora, cinco, não é isso?

MG – Não, mas tem mais aqui. Não, eu estou dizendo o espaço que ele permitiu, para você ver que o espaço não era tão pequeno, né?

FS – Não, é grande.

MG – É, entendeu, que ele deixou pra ele fazer. E o nome dele era Pedro Eletricista. Não sei se... Ele que trocava aquela lâmpada lá em cima, que tem na (?), era ele, esse Pedro Eletricista, mas ele faleceu já, também, em 68. Aqui mora o filho dele, entendeu, aqui na... aqui dentro do quintal, mora ali, (*numa casinha?*).

FS – Algum dia veio alguém da Fiocruz aqui, ou da União, para pedir a casa de volta, alguma coisa assim?

MG – Não, não.

FS – Não?

MG – Não, nunca vieram, não. Bom, porque a casa não... a construção não é da União, né, nem da Fundação, né, só o terreno que é da União. E acho todos os terrenos aqui ‘é’ da União, né? (?) nunca vieram, não.

FS – A senhora tem...

MG – Se ‘vinha’ a gente nem ‘sei’ o que vai fazer. O que é que a gente vai fazer?

FS – Depois de tanto tempo, né?

MG – Pois é, cinquentae... Eu tenho 53 anos. Meu pai já pagava quando era solteiro, então, quanto tempo, né? Eu nem sei. Eu tenho amor, eu gosto daqui. Nunca mudei, não conheço, né, assim, outro... sei lá, outro lugar assim. Sou descasada, meu marido mora em Bonsucesso. Ele já falou pra mim: “Ah, vende isso aí, sai daí...”, não sei o quê, *pa, pa, pa*, mas...

FS – E a senhora tem mais fotos antigas daqui?

MG – Fotos? De onde, daqui do quintal?

FS – Daqui da... é, daqui da... da infância da senhora, de quando tinha pouca casa...

MG – É engraçado porque naquela época, olha só, a gente não tinha acesso, assim, à fotografia, porque o povo era pobre mesmo, as ‘pessoa’ que ‘morava’ aqui não ‘tinha’ acesso, assim, à máquina fotográfica, entendeu, essas ‘coisa’. Ou pagava-se para tirar, né, ou... porque não tinha mesmo. Hoje em dia qualquer pessoa tem máquina fotográfica, hoje em dia... Até eu tenho, né, mas, naquela época, a gente não... não tinha, entendeu? Até um funcionário daí, que também acho que trabalha aí ainda, o Zezinho, que é dono dessas ‘casa’ aqui – ela falou? (??) que foi na Dulce, né? – ele ‘tava’ me pedindo uma foto, que eu tirei uma foto... Eu tenho uma foto dele quando ele era criança, dentro da Fundação, do lado, mais ou menos, ali, do Castelão, sabe, entre onde agora é a cavalaria, que era a cavalaria, agora é museu, né, ali, acho que foi naquele

espaço ali. Mas a gente não tinha, assim, entendeu, fotografias, assim, eu não tenho. É uma pena, né, essas coisas poderiam ser, né, (?) (*registradas?*). Porque ali, no 24, por exemplo, ali do lado era um canto de muro, não tinha... não era nada aquilo ali do lado, não tinha nem como terreno da União. Mas como, também, foi um funcionário também que trabalhou aí na Fiocruz, aí ele veio, cercou aquilo ali, construiu, dali era um barracão, daqui a pouco já era casa... Ele não mora mais aqui, mora em Minas, tá cego, mas deixou aquela porção de ‘casa’ ali, com o número 24, mas... não é, né, entendeu, era um canto de muro, de rua, né?

FS – E o trabalho do seu pai? Ele era vigia, né?

MG – Ele era guarda noturno.

FS – Aí, ele saía daqui...

MG – Eu tinha até o apito. Hoje em dia é moto, né, os ‘cara’ ‘fala’ com aquele... Naquela época era apito. Eu devo ter guardado ainda esse apito. Não sei onde tá, mas eu tenho ele guardado, sim. Bom, ele saía à noite, chegava de manhã.

FS – Pertinho, né?

MG – É, era perto, era aberto, né, não tinha...

FS – Ia direto.

MG - ... não precisava dar essas volta, não tinha muro pra pular. Hoje em dia pulam, né? Aqui, naquela época, se ganhava muito pouco. Ninguém era... Hoje em dia todo mundo... até eu quis ser funcionária. Até sobre isso nós comentamos, engraçado, porque hoje eu andei quase a Fiocruz toda, porque eu fui no horto... ‘tava’ fazendo caminhada, naquele rio lá da Varginha, no campinho, e eu vinha falando com a minha afilhada sobre isso, né, que ela que foi caminhar comigo. A gente lembra de tudo, assim, né? Tinha um médico ali... Aquele ‘bambuzal’ é antigo aquilo ali! A gente descia, justamente, saía ali perto do ‘bambuzal’. A gente descia aqui pelo poste, a gente saía no ‘bambuzal’. Foi onde que um dia o guarda deu corrida na gente, né, que eles vinham com cavalo, e ‘andava’, sabe, ‘descia’ a rua, a cavalaria. Era o Juvenil... eu lembro é o Juvenil, que eu tinha um medo, eu era criança, eu morria de medo dele. E ele andava assim, nas ruas aqui, do Amorim, né? E, então, naquela época, assim, quase ninguém. E eu, mais tarde, eu tentei trabalhar aí na Fiocruz. Eu cheguei a fazer prova, e fui... passei nas provas, né, mas não consegui ficar. Na época tinha uma senhora chamada Conceição, lá na... ali na seleção, e eu fiquei... me barraram. Eu já era pra ser até aposentada pela Fiocruz, porque meu filho já tem 20 anos, eu casei em 82, eu era solteira, nem sonhava ainda, assim, em namorar o pai deles! Quer dizer, né, mas... Que aí já ‘tava’ bom, todo mundo falava, todo mundo queria trabalhar na Fiocruz, né? Agora, na época do meu pai, não, quase... ganhava-se muito pouco.

FS – E como é que era nessa época aí, por volta de 50? Tinha luz aqui?

MG – Aqui tinha luz.

FS – Água?

MG – A dificuldade aqui sempre foi a água. Nós carregávamos água. Ali tem uma caixa d'água, que agora acho que tá desativada, aqui, da Fiocruz. Como era aberto a gente carregava água dali. Eu carreguei muita água dali. E tinha... ela tinha umas 'rachadura', eu lembro que a gente colocava até jornal. (*rindo*) Hoje em dia tudo faz mal, né, mas, naquela época, a gente colocava jornal para fazer tipo goteira para a gente encher as 'lata' e carregar pra cá. Aqui, aqui dentro mesmo. Ela tá desativada, a caixa d'água. É imensa!

FS – Caramba!

MG – Imensa. Agora...

FS – Então, luz nunca foi problema?

MG – Não, luz sempre... depois de associação de 'morador', depois passou a ser da Light, mas sempre teve, luz sempre teve. O problema aqui sempre foi a água, sabe, água é que não tinha.

FS – E esses documentos que a senhora tem, antigos, de que a senhora pagava uma taxa, a senhora tem algum deles que a gente possa ver, ou um do tempo do seu pai?

MG – Eu vou ver onde que tá, vou lá em cima, vou procurar (*rindo*). Aí vocês esperam um pouquinho?

FS – Espero. A senhora tem uma foto o seu pai também?

MG – Tenho, até no outro dia eu tinha uma foto aqui. Marcos! Marcos! Você espera um pouquinho?

FS – Eu espero.

MG – Deixa eu... (?) uma foto do meu pai... (*pausa na gravação*)

FS – Dona Maria, fala de novo da vinda do... da sua mãe pra cá.

MG – A minha mãe veio do interior de Minas, lá do interior, um lugar chamado São Gonçalo do Rio Preto, que é uma hora após a cidade de Diamantina. Elas vieram, ela com a minha avó e a minha tia, meu tio, menor ainda, morar num porão lá no Catete. E daí, elas conseguiram, através de... conhecendo uma pessoa lá, que trabalhava lá no Colégio Imaculada, comprar uma casinha aqui, que era um barraco na época, morar aqui em Manguinhos, né? E daí, meu pai morava aqui, já nesse terreno, morava sozinho, e quis namorar com a minha avó, que a minha avó tinha ficado viúva nova, né? E minha avó não quis porque ela achava que casamento era uma vez só, que... E ele tentou namorar minhas outras duas tias que estavam juntas, que era a tia Marta e tia Elisa. Elas não quiseram, então, ele acabou casando com a minha mãe. E a minha mãe, quando eu nasci, devia ter uns quarenta e... quarenta, quarenta e um anos, e meu pai sessenta e oito anos.

FS – Então, ele casou com sua mãe, não conseguiu casar com suas tias?

MG – Nem com a minha avó.

FS – Nem com a sua avó?

MG – Não. Aí, casou com a minha mãe, minha mãe que aceitou.

FS – Seu pai queria era se arrumar, então?

MG – É, porque ele vivia sozinho, né, vivia sozinho. Mas tinha muita mulher querendo porque ele tinha uns olhos azuis, ele era bonito!

FS – Dona Maria, a gente pode copiar essas fotos. Essas...

MG – Pode.

FS - ... esses documentos, então?

MG – Pode.

FS – A gente traz pra senhora. E as fotos, a senhora tem foto daquela época, fora essa do seu pai?

MG – Não, a foto do meu pai é essa daí. Onde é que... aquela pequena que eu te dei?
(pausa na gravação)

FS – Dona Maria das Graças, obrigado pela entrevista. Depois a gente vai marcar outra coisa, outra entrevista e outro passeio aí na comunidade, com a senhora, pra conhecer outras pessoas que tenham a história aqui da... do Amorim.

MG – Tá bom, obrigada.

FS – Obrigado.

MG – Tá, obrigada.

* A Fita 1 não foi gravada integralmente (aproximadamente 30 minutos).